

# TCU: contrato entre Unigel e Petrobras 'não faz sentido empresarial'

Prejuízo é de quase R\$ 500 milhões. Estatal afirma que apuração interna não observou 'interferências indevidas'

GERALDA DOCA  
procuradora-geral do TCU

A área técnica do Tribunal de Contas da União (TCU) aponta que um contrato entre a Petrobras e a empresa de fertilizantes Proquim Química (Grupo Unigel, que passa por dificuldades financeiras) "não faz sentido empresarial, lógico ou econômico". Sob a mira do TCU, o contrato pode causar prejuízo de R\$ 487,1 milhões à estatal em oito meses, de acordo com a Corte, e envolve o arrendamento de fábricas de fertilizantes.

O contrato, chamado *toling* (industrialização por encomenda), firmado em 29 de dezembro de 2023, permitiu a retomada das ati-

vidades das fábricas de fertilizantes da Bahia e de Sergipe pela Unigel.

Nesse modelo, a estatal fornece o gás natural e fica com os fertilizantes, pagando apenas pelo uso das fábricas — uma espécie de arrendamento. A estatal teria prejuízo porque a venda do fertilizante não cobre o custo do gás.

## PRECÁRIA GOVERNANÇA

Um dos argumentos usados pela Petrobras é a volta da estatal para esse segmento, o que é rebatido pelos técnicos do TCU. Para eles, isso deve ser marcado pela seleção de projetos rentáveis, considerando seus custos de oportunidade, e não "por contrato antieconômico, com margens negativas de rentabilidade".

"Essa justificativa releva não somente a intenção da estatal em retornar, sem a devida preparação, a um segmento que já apresentou prejuízos bilionários, de forma que contrate empresa em situação econômico-financeira crítica e assumir riscos mercadológicos desfavoráveis não faz sentido empresarial, lógico ou econômico", diz um trecho do parecer técnico do TCU concluído no fim do mês passado, ao qual O GLOBO teve acesso.

Os técnicos do TCU apontam ainda uma "aparente incongruência dos números apresentados pela Petrobras nos cenários alternativos estudados". E questionam uma "aparente precária governança na aprovação do con-



'Incongruências': A fábrica de fertilizantes da Unigel em Sergipe. O TCU questiona o contrato feito com a Petrobras

trato", que foi assinado por apenas um diretor.

O relatório cita ainda "diversas incongruências e precária razoabilidade nas premissas que nortearam a avaliação qualitativa dos riscos do negócio pela estatal." E, por último, aponta que a Petrobras não apresentou dados para justificar o contrato.

Em nota, a Petrobras diz que "denúncias foram minuciosamente apuradas" pela equipe técnica da Diretoria de Governança e Conformidade, que concluiu pela "não confirmação de interferên-

cias indevidas de diretores" e que o contrato ainda não foi ativado. Segundo a estatal, essa apuração foi integralmente acompanhada em tempo real pela empresa de auditoria independente KPMG.

A Unigel afirmou que, "apesar da sugestão da apresentação quanto à suspensão do contrato, não foi deferida qualquer medida cautelar". E também ressaltou que "o contrato não está em vigor, pois ainda depende do cumprimento de condições precedentes".

O contrato começou a ser fiscalizado no início deste

ano, e pareceres técnicos foram encaminhados ao ministro relator do processo no TCU, Benjamin Zymler. Os técnicos pedem a suspensão dos efeitos do contrato em caráter liminar até a decisão do mérito pelo plenário do Tribunal. Ainda não houve decisão.

Como mostrou a colunista do GLOBO Malu Gaspar, a unidade técnica que fiscaliza a Petrobras identificou possíveis fraudes no acordo entre a companhia e a empresa de fertilizantes Unigel e defendeu uma nova apuração sobre o negócio.

## ENTREVISTA

Philippe Mathieu

VICE-PRESIDENTE DE EXPLORAÇÃO E PRODUÇÃO INTERNACIONAL DA EQUINOR

Executivo diz que mercado brasileiro está no centro da estratégia da petroleira, que deve gerar com mil postos de trabalho com projetos em óleo e gás

JANAINA LAGE para o GLOBO em São Paulo

## 'BRASIL SERÁ A JOIA DA COROA FORA DA NORUEGA'

Primeira operadora internacional de um campo pré-sal, a Equinor se prepara para mudar o patamar de sua operação no Brasil. O projeto na Bacia de Santos começa a produzir no ano que vem. Em outra frente, a empresa aposta no mercado de gás com o Campo de Raia, na Bacia de Campos, que vai responder por 15% da demanda no país.

Juntos, os dois projetos devem responder por cem mil empregos, entre diretos e indiretos. Além disso, a empresa fará, na próxima semana, uma cerimônia de inauguração do projeto de Mendubim, no Rio Grande do Norte, o segundo de energia solar no país. Segundo Philippe Mathieu, vice-presidente de Exploração e Produção Internacional da Equinor, o investimento não é

à toa. A petroleira acaba de passar por uma revisão de portfólio. Suiu de países como a Nigéria e Azerbaijão e está aumentando investimentos nos mercados de maior potencial, como o Brasil. "O Brasil não é só óleo e gás para nós, mas um dos poucos países em que atuamos onde estamos desenvolvendo a gama completa de nossa estratégia, um portfólio de energia". A empresa tem operações principalmente nos EUA e no Reino Unido, além de projetos em outros países, como Argélia e Argentina. Leia a seguir trechos da entrevista:

### Qual é o peso do Brasil na produção de petróleo da Equinor?

Se você considerar a produção atual de petróleo, a da Noruega soma 1,2 milhão de bar-



Equinor. Equinor se prepara para mudar o patamar de produção no Brasil

ris por dia. A área internacional tem 700 mil barris. E para 2030 vamos produzir 900 mil.

O interessante é que vamos aumentar a produção em 15%, mas o fluxo de caixa vai aumentar em 50%. A razão para isso é que estamos elevando o patamar do portfólio, saindo de países com ativos mais maduros e incluindo projetos de nova geração. O Brasil é muito importante, provavelmente um dos países onde vamos ter maior crescimento do nosso negócio. Descrevo o Brasil como a joia da coroa do nosso portfólio internacional fora da Noruega, uma joia que está em construção. Temos uma boa colaboração com a Petrobras no Campo de Roncador, operamos o Campo de Peregrino. Bacalhau (no pré-sal da Bacia de Santos) está sendo construído, começa a produ-

zir em 2025, e Raia (de gás) entra em operação em 2028.

### Qual será o cenário quando os projetos começarem a operar?

Quando tivermos os projetos em operação, o Brasil será mais importante no nosso portfólio internacional, quando começarmos a produzir em Raia, em 2028. A razão pela qual escolhemos fazer esses investimentos foi pela estabilidade regulatória, o fato de ter uma indústria que pode apoiar operações. Estamos falando de *offshore* em águas profundas, que é o que sabemos fazer. E Raia vai contribuir para prover gás ao Brasil, com 15% da demanda do país. Além de ajudar a desenvolver o mercado de gás no Brasil, impulsionando a indústria.

### Bacalhau é o primeiro projeto do pré-sal que tem um operador estrangeiro. Como tem sido a experiência?

Estamos trazendo a experiência com o que já fizemos na Noruega. Temos a colaboração com a Petrobras em Roncador e estamos desbrilhando os desafios operacionais. Tem sido uma jornada: trazer o conhecimento da Noruega e adaptar ao contexto brasileiro.

### Quanto empregos esses projetos vão criar?

Bacalhau e Raia vão criar 50 mil vagas cada.

### E quais são as perspectivas de contratação aqui?

O mercado está aquecido. Esperamos que, por nossa estratégia, a forma como fazemos negócios, sejamos um empregador atraente para quem quer estar conosco. Medimos performance não só sobre o que você entrega, mas como entrega. Isso reforça a importância da cultura e dos valores da empresa.

### Estão concluindo a montagem de módulos do FPSO de Bacalhau em Cingapura.

Como vem o cenário para o setor naval aqui?

Vemos a possibilidade de desenvolver parte dos contratos de fornecimento aqui, é parte do compromisso de conteúdo local. Mas, como reflexo, seria interessante pensar não só na construção de novas plataformas, FPSOs, mas no descomissionamento (desmobilização) quando chega ao fim da vida útil de instalações *offshore*. Isso representa um mercado que está crescendo, é algo que está sendo discutido na Noruega com fornecedores, e é oportunidade de negócios.

### Mesmo com esses projetos em curso, ainda há interesse em participar de leilões aqui?

Sim, é justo dizer que temos muito para administrar no momento. Nosso foco principal é conciliar os campos de Peregrino, Roncador,

Bacalhau e Raia. Mas é um jogo de longo prazo, então a resposta é sim.

### Nos últimos anos, as grandes petroleiras dizem ter a ambição de se tornar empresas de energia. Esse discurso parece ter perdido força. O que explica a mudança de direção?

É o que temos visto nos últimos anos. Isso foi provocado pelo começo da guerra na Ucrânia, que teve sérias repercussões na Europa. Sem o gás russo no mercado, houve aumento do preço do gás e da energia. De repente, a preocupação em torno da energia não era em impacto climático, mas em segurança energética e preço viável. Isso provocou uma abordagem mais balanceada, no sentido do que é necessário para a transição do sistema global de energia. O que se traduziu em algumas mudanças na estratégia das empresas. Saíram de "estamos focados em lidar com questões climáticas, investir em renováveis e talvez reduzir óleo e gás no portfólio" para algo como "vamos focar um pouco mais em óleo e gás e reduzir um pouco as ambições em fontes renováveis". Vimos a área de renováveis ser afetada por inflação, quebra na cadeia de suprimentos e aumento de custos em geral, o que tornou os projetos mais desafiadores.

### Mudaram de estratégia?

Não mudamos. Seguimos com a crença de que precisamos contribuir para a transição energética. Desde o início tentamos criar equilíbrio, uma linha clara de onde queremos ir e nos ajustar à realidade do mercado. A estratégia segue a mesma, o foco é gerar valor. O que temos tido é flexibilidade. Há alguns anos, nosso foco era mais em *onshore* (em terra), mas, com a crise, vimos que estava desafiador encontrar projetos atraentes, temos sido mais cautelosos e enfatizado renováveis *onshore* (em terra). O Brasil se encaixa nisso. Temos um projeto solar, Apodi, e vamos inaugurar outro semana que vem, Mendubim, no Rio Grande do Norte. O futuro é sobre transição energética.

FUNDAÇÃO FACULDADE DE MEDICINA

LEILÃO Nº 0001/2024-20 - FFM - POLO FACEMBU

A FUNDAÇÃO FACULDADE DE MEDICINA, situada na Avenida Belvedere nº 385, Jardim Paulista, São Paulo/SP, torna pública a abertura do edital de LEILÃO, objetivando o ALUGUEL DE IMÓVEL, em lote único, do antigo Instituto Sampaio Viana da Fubem, localizada no Rua Angélica, nº 756, em São Paulo denominada "POLO FACEMBU", cujos detalhes estão disponíveis no site da FFM (www.fmm.br), e que será regido pelo RFP 09/04/2024, nos termos do Edital.

**Leilão**